

INSTITUTO JUNGUIANO DE SANTA CATARINA - IJUSC

Este paper é apresentado à Diretoria de Ensino do IJUSC como pré-requisito para avaliação semestral do processo de Formação para Analista Junguiano.

Candidata: Carolina Schiesari

Paper 5 - Florianópolis, 10 de março de 2024

“Repara bem no que não digo”

Paulo Leminski

Alquimia e colagem: um ensaio

Na busca de esquadrihar a colagem, propomos neste trabalho o enquadramento de algumas considerações entre esta técnica expressiva e a Alquimia.

A colagem é uma técnica que facilita - na e com a prática - o reconhecimento e aceitação de conteúdos inconscientes com menor interferência da consciência egóica, uma vez que padrões e exigências estéticas diminuem, frente à imagens já "prontas para servir de receptáculo de projeções". Acerca disso, diz URRUTIGARAY (2011):

O trabalho com colagem (...) pode trazer para o ambiente arteterapêutico um bom clima para o estabelecimento de vínculos mais firmes para com as futuras tarefas realizadas com outros materiais, pois, por se tratar de uma tarefa pela qual "o atuar como um artista" fica como que simulado, a ansiedade por não se considerar um artista reduz-se, possibilitando uma entrega mais confiante ao trabalho proposto. As dificuldades sentidas por alguns clientes diante de sua falta de destreza em face das modalidades plásticas, fruto de grandes cristalizações culturais estéticas, podem provocar nos mesmos um certo distanciamento ao trabalho proposto pela Arteterapia, impedindo, assim, o surgimento de uma interação entre cliente e material por temor à sua exposição

Diferentemente de desenhos ou pinturas, as quais dependem somente da livre expressão do movimento das mãos e pressupõe certo refinamento de habilidades, a

colagem abre espaço também para a relação com aquilo que não é perfeito. Tomar para si alguma imagem do acervo que "não é bem isso, mas serve para representar", por exemplo, acaba servindo (também) para transcender a imagem inicial que se tinha em mente e dar a ela novas possibilidades de se revelar, ampliar a relação com ela e, enxergar outras facetas. Tal adequação (ou adaptação) pode também dizer acerca da transformação do símbolo. A imagem inicial vai ganhando novas roupagens.

Ainda, o abandono da "imagem perfeita" gera campo para o desabrochar daquilo que ainda nos é desconhecido. JUNG nos fala em *Mysterium Coniunctionis*, que

O inconsciente deseja que haja algum interesse para existir, e reclama primeiramente ser aceito assim como ele é. Desde que esteja estabelecida a existência daquele mundo com que se defronta, então o eu não apenas pode, mas até deve discutir consigo mesmo e tomar posição perante as exigências surgidas por isso
(O. C. XIV/1, §186).

Nesse sentido, a prática em contraposição à perfeição torna-se um dever. Desta forma, faz-se importante retomar a concepção de *religio*, a qual nos traz a atitude de debruçar-se, demorar-se, entregar-se à tarefa (entendida também como *Opus*). Em *Psicologia e Religião*, Jung (2011) afirma ser *religio*, [considerar] "cuidadosamente sua experiência" (O. C. XI/1, §74). Permitindo-nos fazer aqui a própria arte da colagem, o seguinte trecho, de *Mysterium Coniunctionis*, complementa o quadro:

Porque a fonte jorra constantemente, exprime ela igualmente um jorrar contínuo do interesse voltado para o inconsciente, que é uma espécie de atenção constante ou religio, que também poderia ser chamada de *devoção*. (...) Deste modo se torna consideravelmente facilitada a passagem de conteúdos inconscientes para dentro da consciência. (...) Quando a atenção se volta para o inconsciente também libera conteúdos, os quais por seu turno, à semelhança de uma fonte de água viva, fecundam a consciência. Tanto a consciência como o inconsciente constituem uma terra árida, enquanto estiverem separadas entre si essas duas metades da vida psíquica (O. C. XIV/1, §186)

É possível explorarmos alguns caminhos a partir daqui. Tomando a última frase desta citação, podemos entender que a aridez que caracteriza a separação entre consciência e inconsciente pode ser umedecida pelo trânsito das águas. Se falamos de separação, podemos também falar de junção, que é justamente o papel que a cola exerce.

Outros passos podem ser dados no sentido da importância de fazer arte religiosamente. Deixar-nos tocar pela fonte viva do inconsciente. Curvar-nos diante desta água, enxergar o reflexo, vislumbrar além de nós por meio da prática cotidiana. Mergulhar, estar imerso. A rotina como vaso. A terra para fluir. A aparente contradição revela a possibilidade de vivenciar fluidez no aterramento, ou seja, quanto mais experimentamos contornos mais sólidos, mais podemos nos regozijar na fluência de imagens a emergir.

Tal fonte, enquanto *Prima Mater*, pode ser encontrada espelhada na caixa de recortes. Sendo este acervo a nascente de todas as imagens a serem compostas em colagem, ela guarda em si uma infinidade de possibilidades. Em *Psicologia e Alquimia*, Jung (1990) nos traz

a 'prima matéria' como sendo o 'elementum primordiale'. Ela seria o 'puro sujeito e a unidade das formas', que tem a possibilidade de abarcar todas as formas' (O. C. XII, § 427).

Da mesma maneira, o próprio cartaz, também pode ser matriz - de um tema, de um sentimento, de uma situação que se quis expressar no momento, afinal "a 'prima matéria' possui o caráter da ubiquidade: encontramos-la sempre e em toda parte, o que significa o fato de a projeção poder ocorrer sempre e em todas parte" (O. C. XII, § 433).

Dito isso, circuambuliaremos agora para mais uma projeção ocorrida em outra parte: a cola.

Tomaremos a liberdade de amplificar um trecho do excerto de Urrutigaray, mencionado anteriormente. *O trabalho com colagem (...) pode trazer para o ambiente arteterapêutico um bom clima para o estabelecimento de vínculos mais firmes, a técnica e o próprio material já são veículos simbólicos e concretos: colar refere-se a vinculação. Colar é ligar, unir. Tem a ver com como as relações se amoldam. Relações transferenciais e contra-transferenciais na clínica também. Em se tratando*

de vínculo e processo de transformação, pode-se dizer que somente acontecerá caso terapeuta e paciente possam realizar tal tarefa conjuntamente. Devem estar implicados e disponíveis para essa colagem acontecer. Jung já nos adverte: “muitas vezes a personalidade do médico (como também do paciente) é infinitamente mais importante para um tratamento psíquico do que aquilo que o médico diz ou pensa” (O. C. XVI/1, § 163). Ou seja, *simbolicamente* não será possível montar um cartaz se paciente e terapeuta não trouxerem para a relação suas próprias figuras, suporte, cola e tesoura.

É possível observarmos *como* a pessoa cola e quais materiais prefere (cola, durex, etc) e levantarmos hipóteses sobre como se vincula; o quanto cola (ou não) nas pessoas ou situações. Assim como, o quanto as pessoas ou situações colam (ou não) no paciente.

Além disso, podemos também associar a imagem da cola com a da goma arábica, explorada por Jung (1990) em *Psicologia e Alquimia*.

[O] tratado de MARIA fala do "matrimonium alchymicum" (matrimônio alquímico) (...): 'Case goma com goma num matrimônio verdadeiro'. Tratava-se originalmente da 'gummi arabicum', 'goma arábica', usada aqui como um arcano da substância transformadora, devido à sua qualidade adesiva. Assim por exemplo KHUNRATH esclarece que a goma 'vermelha' é a 'resina dos sábios' é um sinônimo de substância transformadora. Esta substância como 'vis animans' (força vital) é comparada por outro intérprete com o 'glutinun mundi' (cola do mundo), mediadora entre o espírito e o corpo, sendo ao mesmo tempo a união de ambos. (O. C. XII, §209)

A cola serviria para promover conjugação entre as partes. A cola como elemento primordial da *coniunctio*, se não, ela própria. Juntando partes forma-se um novo todo, sendo esse todo, posteriormente, parte outra a ser ajuntada. Relembrando Gregório de Matos:

O todo sem a parte não é todo,
A parte sem o todo não é parte,
Mas se a parte o faz todo, sendo parte,
Não se diga, que é parte, sendo todo.

Sendo "uma mistura complexa de polissacarídeos e de glicoproteínas, a goma-arábica não tem uma composição constante, variando consoante os lotes e as origens, o que dificulta o seu uso em situações em que se pretenda uma absoluta homogeneidade ou se pretenda obter sempre as mesmas características físicoquímicas" (Wikipedia). A própria natureza desta combinação já nos indica a complexidade que é juntar. E como juntar é uma coisa diferente a cada novo aglutinado.

Considerando que nosso olhar faz junções; que articulamos correspondências entre partes via sensação, sentimento, pensamento ou intuição; e que, a cada nova mirada, um novo todo - e outras partes se revelam, a leitura do espaço gráfico não se esgota. Bem como no sonho, no qual as imagens ganham vida e os símbolos brincam e dançam e (se) expressam (n)a multiplicidade, uma colagem também pode ser vista assim.

Podemos conceber o espaço da colagem como vaso ou temenos, como círculo mágico (apesar de, geralmente, ser retangular) onde imagens do inconsciente aparecem e podemos vislumbrar a face de Deus (Self).

O 'vas bene clausum' (vaso bem fechado), medida de precaução frequentemente aplicada pelos alquimistas, é o equivalente do círculo mágico. Em ambos os casos, o que está dentro deve ser protegido da invasão ou contaminação daquilo que está fora, bem como desse modo será impedido de escapar. A 'imaginatio' (imaginação) deve ser entendida aqui em seu sentido literal e clássico, ou seja, como verdadeira *força para criar imagens* (...)
(O. C. XII, 219)

Sim, a *imaginatio* há e se faz espontaneamente. É inegável a força para a criação de imagens. As técnicas expressivas poderiam servir como a *Opus*: com a alteração da matéria surge a revelação daquilo que se jazia incógnito nas sombras. Desponta uma expressão (e outras várias) daquilo que quer ser visto. A colagem, em especial, pode servir para/no labor de nos soltarmos da perfeição. "(...) não há luz sem sombra, nem totalidade anímica sem imperfeição. A vida em sua plenitude não precisa ser *perfeita*, e sim *completa*". (O. C. XII, § 208).

A Arte se faz por meio de experiências. É experimentando, testando e investigando que encontramos e desencontramos nosso próprio caminho, e

constituímos a nossa *Obra*. "O conhecimento não reside apenas na verdade, mas também no erro" (O. C. IV, §774)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JUNG, Carl Gustav. Freud e a Psicanálise OC4. Petrópolis: Vozes, 2012.

JUNG, Carl Gustav. Psicologia e Alquimia OC12. Petrópolis: Vozes, 1990.

JUNG, Carl Gustav. Psicologia e Religião OC 11/1. Petrópolis: Vozes, 2012.

JUNG, Carl Gustav. *Mysterium Coniunctionis* OC 14/1. Petrópolis: Vozes, 1985.

JUNG, Carl Gustav. A prática da psicoterapia OC 16/1. Petrópolis: Vozes, 2013.

URRUTIGARAY, Maria Cristina. Arteterapia - A transformação pessoal pelas imagens. Rio de Janeiro: Wak, 2011 (p.71)

Goma arábica < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Goma-ar%C3%A1bica> > acesso em 17/11/23

MATOS, Gregório, de. O todo sem a parte

< https://pt.wikisource.org/wiki/O_tudo_sem_a_parte_n%C3%A3o_%C3%A9_tudo > acesso em 04/03/2024